

O BERÇO DA FORÇA POÉTICA

The cradle of poetic strength

Liliana Patricia Marlés Valencia¹
lilianamarlesvalencia@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0001-7828-761X>

Luciano de Jesus Gonçalves²
lj_goncalves@hotmail.com
<https://orcid.org/0000-0003-1813-9003>

Flávio de Carvalho (1899-1973) é um nome que continua a gerar leituras, opiniões e dissensos. O intelectual e artista brasileiro desenvolveu —e em alguns casos apenas sugeriu, mas com a suficiente força— uma obra que incursiona em diversos campos: arquitetura, antropologia, estética. Em geral, seu trabalho pode ser lido a partir do diálogo com as vanguardas de começos do século 20 e com o primitivismo. Em específico, *Flávio de Carvalho: “o berço da força poética”*, livro organizado por Larissa Costa da Mata, apresenta um panorama das pesquisas mais atuais sobre a obra desse artista polêmico.

Para começar, Costa da Mata destaca já no prefácio uma diferença significativa na perspectiva com que Carvalho concebe o primitivismo com respeito aos seus contemporâneos. As vanguardas, no que se refere à América Latina, voltaram-se ao passado e, no caso do modernismo brasileiro, à elaboração do conceito de antropofagia como raiz brasileira. Carvalho, por sua parte, afastou-se dessa perspectiva para conceber o dito atributo primitivo não como alguma coisa procedente do passado, mas como uma potência de transformação presente nas artes e que vai se conformando no decurso do tempo. Daí que o artista aborde com interesse semelhante, temas, na aparência, tão distantes: desde fatos históricos da ditadura do Paraguai até expressões artísticas de povos primitivos; muito além das classificações de alta e baixa culturas e através de procedimentos parecidos aos de intelectuais como Michel Leiris

¹ Doutora em Letras pela Universidade de São Paulo – USP.

² Doutorando em Letras pela Universidade de São Paulo – USP.

(1901-1990), Georges Bataille (1897-1962), e Roger Caillois (1913-1978), com os quais manteve correspondência.

O livro divide-se em três seções: a primeira apresenta um registro das comunicações que tiveram lugar no encontro homônimo de pesquisadores ao redor da obra do artista, realizado em 2016; na segunda parte, deparamo-nos com textos de outros estudiosos e críticos que têm percorrido a obra de Flávio de Carvalho durante os últimos anos; finalmente, a terceira parte oferece a transcrição de textos inéditos do próprio artista e alguns dos seus artigos publicados no *Diário de São Paulo* (1943-1944).

“Notas para a reconstrução de uma escrita perdida”, o texto que abre a primeira parte do livro, de Marcelo Moreschi, esboça uma aspiração constitutiva da prática de Carvalho: sua pretensão de estabelecer diálogo com colegas e se inserir no espaço acadêmico, aspiração que prova sua fé no conhecimento científico. O capítulo detém-se, também, no desafio proposto por quaisquer tentativas de teorização e classificação da escrita de Carvalho. Há uma “pulsão de teoria” que, ao mesmo tempo, contrapõe seus procedimentos: desconsidera as normas gramaticais e apropria-se de uma perspectiva serial e fragmentária.

“Flávio de Carvalho e a máquina celibatária” postula a comunhão entre Carvalho e outros intelectuais vanguardistas no sentido de se afastar da ideia de uma obra total e, no seu lugar, o objetivo de ativar mecanismos do desejo e a linguagem. Larissa Costa da Mata discorre sobre *Mecanismo da emoção amorosa*, datiloscrito atualizado pela própria pesquisadora. No texto, Carvalho recolhe mitos africanos e examina a presença de um *pathos* matriarcal nas máscaras africanas e nos ornamentos de obras arquitetônicas. Já o título da conta da relação conflitiva entre artistas modernos e técnica. Por sua parte, o texto de Raúl Antelo, “Flávio de Carvalho: o sequestro” desenvolve o que o autor resume como proposta de Carvalho: pensar o homem como “alguém de pura potência, mas nenhuma identidade” (CARVALHO *apud* ANTELO, 2019, p. 68). Antelo debruça-se sobre a diferencia que Flávio estabelece entre “pintura operática” (CARVALHO *apud* ANTELO, 2019, p. 68), de emoções secundárias, fútil, e a “pintura demoníaca” (CARVALHO *apud* ANTELO, 2019, p. 68), de emoções primárias. De fato, o estudioso inclui o livro *Os ossos do mundo*, justamente, como escriturária inoperática, dada sua atitude afirmativa, sua leveza, gozo e alegria.

Já “Expedição, experiência: Flávio de Carvalho na selva amazônica” indaga a viagem que Flávio fizera em 1958 durante 70 dias. Inicialmente, a expedição tinha um duplo propósito: por um lado, a produção de um filme, com procedimentos surrealistas, inspirado na história de Umbelina Valéria, sequestrada por povos indígenas da região amazônica, quando tinha 14 anos

O berço da força poética

de idade. O outro objetivo era estudar aspectos etnográficos e artísticos das etnias indígenas das comunidades do Norte e do Nordeste. O documento viria se conhecer como a Experiência n. 4 e, a partir dela, Veronica Stigger debruça-se sobre o caráter das Experiências de Flávio no que se refere a processo e série, recorrência e singularidade.

Eliane Robert Moares abre a segunda parte do livro com “Mãe, medusa”. O texto incorpora o gesto ateu de Carvalho na linhagem dos escritores franceses Diderot e Sade no que tange à representação da morte. A partir da série de esboços “Minha mãe morrendo”, que o artista fizera justamente no leito mortuário de Ophélia Crissiuma de Carvalho, em 1947, Moraes explora o desdobramento do rosto materno em sexo e em máscara e, por essa via, da vida em morte e do filho na mãe.

O seguinte texto, por Ana Luiz Andrade, apresenta o vínculo entre Carvalho e Gilberto Freyre ao redor da memória e do resíduo, como “retornos de resíduos do passado”. Para tanto, a pesquisadora vale-se do conceito de “sugestibilidade”, proposto por Carvalho, como esse “sabor da vida” que permanece nos objetos e fica quase a espreita, aguardando apenas para ser reconhecido de novo. Coincidem os autores numa poética do não-acabado, mas também contrastam, a sua vocação voltada para o inconsciente, enquanto Freyre situa-se num período histórico específico. Talvez fosse por isso que os dois conseguiram constituir modernismos divergentes, aponta a autora.

Em “Arquitetura, performance e totemismo”, José Tavares Correia de Lira propõe uma série de tensões, (o corpo e o dispositivo, o planejado e o imponderável, entre outras), amparadas na força performática, para dar conta de aspectos que perpassam os diferentes campos de atuação de Carvalho. Sob essa perspectiva, o texto percorre, cuidadosamente, a casa na fazenda Capuava e se aprofunda nas *Experiências* como cenários onde Flávio praticou sua “aposta radical no inconsciente, no emocional, no desviante, no obsceno e mesmo no perverso”.

O último texto da segunda parte contempla um segmento da obra talvez um pouco menos explorado: a série “Rumo ao Paraguai”, escrita ensaística e ficcional que, como indica a autora María Florencia Donadi, rebaixando os limites disciplinares, começa sua indagação em circunstâncias geopolíticas e avança até a exploração de uma sensibilidade coletiva. O eixo do artigo é a análise dos conceitos de “história” (convivência de tempos) e “supervivência” (forças e enfrentamentos) mas, ao mesmo tempo, a autora rastreia uma “condição háptica” que perpassa a cartografia proposta por Carvalho.

A terceira parte está composta pelas transcrições, feitas por Costa da Mata, do datiloscrito do livro inédito *Mecanismo da emoção amorosa*, os artigos de “Rumo ao

Paraguay”, o datiloscrito da série “Na fronteira do perigo”. Um trabalho cuidadoso que cotejou os textos onde foi possível, realizou a atualização ortográfica e preservou os parágrafos originais, com pouquíssimas intervenções de ordem gramatical. Todas as inserções devidamente sinalizadas. Um resgate importante para manter em circulação a produção do artista.

Apesar da proximidade de Carvalho com Oswald de Andrade e a vertente antropofágica de meados da década de 1920, com a qual compartilha a tendência experimental e o fascínio pelas denominadas culturas “primitivas”, ambos retomam a estética das máscaras. No entanto, diferente do modernismo mais representativo, Carvalho não tenta reconhecer nelas características de uma identidade cultural, mas tomá-las como virada na qual a arte se liberta da inclinação puramente representativa e como origem da “força poética” que considera dinamizadora da pesquisa. Carvalho, como pode se constatar pela sua curiosidade por hieroglíficos e ideogramas, relutou em atribuir preeminência à codificação própria da linguagem escrita. Como explica a organizadora do volume, Carvalho escreveu principalmente “notas”, como uma maneira de se distanciar da obra terminada. Em consequência disso, a pesquisadora arrisca a hipótese de uma biblioteca “fictícia”, composta pela série de livros fantasmas que o autor aludia em entrevistas. É com imensa alegria que saudamos esse volume, composto por pesquisas que permitem seguir lendo e aproveitando a dita biblioteca.

REFERÊNCIAS

COSTA DA MATA, Larissa. (Org.) *Flávio de Carvalho: “o berço da força poética”*. São Paulo: Alameda, 2019.

Recebido: março/2021

Aceito: julho/2021